

Narrativas e imagens de corpos e subjetividades na mídia contemporânea:

empatia e alteridade no jornalismo e na ficção seriada

Narratives and images of bodies and subjectivities in contemporary media:

empathy and alterity in journalism and serial fiction

Fernanda Elouise Budag

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP e mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP). Docente na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom) e na Universidade São Judas Tadeu (USJT). Atualmente realiza estágio pós-doutoral na ESPM. É integrante do grupo de pesquisa MidiAto (ECA-USP) e Juvenália (ESPM).

José Augusto Mendes Lobato

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP e mestre em Comunicação pela Cásper Líbero (SP). Professor na Universidade Anhembi Morumbi (UAM) e na Universidade São Judas Tadeu (USJT). É integrante do grupo de pesquisa MidiAto (ECA-USP).

RESUMO

This text proposes a discussion about the potential of traditional genres and media formats – soap operas and journalism – as instruments of visibility, building empathy and reviewing the images of the other, communicating experiences of alterity through life stories that emphasize silence and the (non) place attributed to these subjects in the public space, as well as aspects of subjectivity and sociocultural identity. For this, we are guided by cultural studies and discourse analysis and, by doing so, we propose a critical reading of two contemporary media contents: the production of journalist Eliane Brum regarding victims of asbestos contamination, and the representation of a transsexual in the television fiction of Glória Perez. In the end, we recognize a revisionist force in contemporary narratives of otherness.

Palavras-chave: alteridade; jornalismo; telenovela.

ABSTRACT

This article aims to analyze the strategies of resistance adopted by football fans in face of the transformations that this sport has undergone in recent years, as well as the ways in which these forms of resistance contribute to problematize football metaphors such as theatre and opium of the people. Therefore, it's based on the information obtained in interviews with leaders of organized groups of fans and collectives and observations made in football matches, fan protests, meetings and visits to stadiums. Among other things, it shows that these metaphors can't deal satisfactorily with the conflict and contestation that exist today in football, reinforcing the "myth of the passive receiver."

Keywords: otherness; journalism; soap opera.

Habitualmente, somos apresentados nos estudos de comunicação à ideia de que a partilha de identidades é um dos principais efeitos gerados pela atividade das mídias. Tal noção, apesar de extremamente pertinente ao campo, conduz a um debate quase sempre orientado à formação de laços de pertencimento, à construção do senso de eu/nós e à familiarização – ou rotinização, como diria Serge Moscovici (2013) – de representações tornadas sociais. Ou seja, supõe-se, nessa leitura, uma ênfase excessiva nos eixos da proximidade, do reconhecimento e da identificação; aspectos que, definitivamente, não são exclusivos em uma configuração de sociedades na qual ver o outro também se tornou um requisito para a estabilização do *socius*.

Cada vez mais, e aqui fazemos alusão ao pensamento de Roger Silverstone (2002) e sua interpretação por Marcio Serelle (2016), somos dependentes de processos de mediação que reforçam a influência das mídias na experiência cotidiana, trazendo-nos imagens, discursos e codificações que permitem apreender o desconhecido, tornando-o legível, compreensível e visível.

Reconhecendo, portanto, a necessidade da crítica dos processos de mediação que levam à descoberta do outro – entendido aqui em suas dimensões geográfica, ou seja, de distância espacial, e também sociocultural –, buscamos neste texto discutir os modos com que a alteridade pode ser revisitada, ou seja, problematizada, a partir de vestígios presentes em gêneros e formatos midiáticos relativamente tradicionais e em um viés que abarca os processos de exclusão, nos campos de gênero/sexualidade e da desigualdade social. Para isso, lançamos foco sobre a ficção televisiva seriada (na forma da telenovela brasileira *A Força do Querer*, de Glória Perez, exibida pela Rede Globo em 2017) e o jornalismo interpretativo (na forma de crônicas e reportagens da jornalista Eliane Brum para a revista *Época* e o jornal *El País*), a fim de observar o tratamento de duas temáticas – respectivamente a transexualidade¹ e a contaminação por amianto de trabalhadores de empresas brasileiras – em seus textos.

Busca-se, assim, entender como mesmo gêneros pertencentes às mídias hegemônicas podem atuar como instrumentos de visibilidade (ROCHA, 2009), promovendo construção de empatia e releitura das imagens do outro a partir de um lugar de experiência – narrado tanto pela lógica do factual, a partir da captura da experiência vivida e sua conversão em texto informativo, quanto pelo ficcional, usado como meio de dar a ver histórias de vida que enfatizam silenciamentos e o (não) lugar atribuído a esses sujeitos no espaço público.

A partir de um recorte teórico-metodológico que abrange os estudos culturais, a filosofia e a análise do discurso, examinamos algumas manifestações de

olhar empático a respeito de universos e sujeitos submetidos a processos de exclusão, lançando a hipótese da existência de uma força revisionista nas narrativas de alteridade disseminadas pelos meios de comunicação, presente em maior ou menor medida, inclusive, em suas produções de maior relevo.

A representação, o Eu/Nós e o outro: questões de linguagem

Nossa perspectiva teórica, neste trabalho, abrange os estudos de linguagem, da cultura e do discurso, com ênfase nos debates tratados por diferentes autores a respeito das representações e identidades, do complexo processo de demarcação do outro e dos limites e responsabilidades envolvidos na mediação de alteridade. É dentro deste processo que, entende-se, podemos encontrar vestígios de uma postura de empatia e revisionismo em produtos midiáticos contemporâneos, como o jornalismo interpretativo e a ficção seriada aqui tomados como objetos de análise.

Um primeiro operador conceitual pertinente a nossa análise é o de *representação* – termo que alude, em diferentes áreas de conhecimento, à produção conceitual sobre objetos, cenas, fenômenos e sujeitos da experiência cotidiana, executada sobremaneira pela linguagem. Uma conexão arbitrária entre o vivido e o representado, porém, é contestada quando assumimos os limites deste processo, em uma discussão muito pertinente desde a filosofia clássica até os estudos de linguagem do século 20. É o que Stuart Hall (2016) aponta, em *Cultura e Representação*, quando distingue a postura reflexiva da representação – erguida em um viés essencialista – da visão construcionista, que evidencia a seletividade e intersubjetividade implícitas ao ato de representar.

Como diz o autor, “a essência da linguagem [...] é a comunicação, e essa, por sua vez, depende de convenções linguísticas e códigos compartilhados” (HALL, 2016, p. 48); por isso, ela é dotada de caráter eminentemente social – e uma visão construtivista parece a mais acertada para Hall, por aludir à formação de sistemas representacionais quando tentamos dizer algo sobre o mundo. Essa reflexão em muito se aproxima da visão aristotélica sobre a mimese – vista, acima de tudo, como uma produção criativa, e não uma imitação com pretensão de fidelidade especular com relação ao real.

Na esteira do pensamento de Mayra Gomes (2008), entendemos que a conversão de experiências concretas em representações linguísticas gera uma espécie de ordenamento e organização das experiências, a partir da assunção

de uma ordem simbólica; é este recorte de mundo, que requer a produção de campos de partilha de elementos identitários e, naturalmente, a demarcação de limites, que nos permite visualizar uma realidade construída a partir de referenciamentos linguísticos.

Entendemos, assim, que as representações constituídas em diferentes gêneros e formatos, na mídia ou nas mais simples interações cotidianas, são lugares de configuração e disciplinarização de nossas experiências, mostrando-nos um mundo feito de linguagem, de sentidos socialmente erguidos e por isso capaz de nos aportar uma noção de identidade (ou Eu/Nós) minimamente estável. Processo esse que, como nos aponta Jesús Martín-Barbero (2004), é cada vez mais fluido e instável no contexto da cultura midiática: como diz o autor, em seu estudo que abarca a produção televisual latino-americana, hoje somos dotados de “identidades com temporalidades menos ‘longas’, mais precárias”, que combinam ingredientes de mundos culturais diversos e que são “portanto atravessadas por trechos descontínuos, por não-contemporaneidades, nas quais intervêm gestos atávicos, resíduos modernistas, inovações e rupturas radicais” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 153).

Esse cenário evoca de maneira ainda mais urgente a questão da alteridade – que consideramos fundamental à reflexão sobre quaisquer operações contemporâneas de representação por meio das mídias. Kathryn Woodward (2000, p. 41), em suas discussões sobre o conceito de diferença, aponta que este é uma necessidade lógica para a demarcação das identidades, já que estas são representadas não apenas pelo evidenciar de semelhanças, mas também pela separação, pela oposição – pela construção de barreiras que separam Nós e Eles, em suma, em linha com o que também discute Gomes (2008). É aí que emerge, portanto, o outro como uma necessidade lógica, uma componente indissociável dos processos de representação cultural.

Ancoramo-nos, em especial, nas reflexões de Homi Bhabha (1998) sobre a produção do “espaço-nação” para entender de que modo o outro é narrado de forma complexa e multiforme, a fim de constituir universos de familiaridade e enquadrar simbolicamente quem está fora das fronteiras do Eu/Nós. Segundo o autor, “a demanda da identificação – isto é, ser para um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade” (BHABHA, 1998, p. 77). Essa diferença implica a formação de identidades “essencialistas”, que operam em uma redução de complexidade que reflete disputas discursivas e tensões pelo poder no processo de representar.

Assim como outros estudiosos do campo da cultura e das dinâmicas pós-coloniais, Bhabha aponta que o processo de escrita da nação – também

abordado por Hall em sua análise das narrativas nacionais – envolve e mobiliza um trabalho de síntese de elementos culturais, a fim de conferir unidade ao universo em questão. Esse processo, porém, não é assim mantido, como que por inércia; ao contrário, é marcado por reações contrárias naturais à dinâmica da vida social, por disputas de lugares e posições pelos sujeitos e grupo. É preciso, diz-nos Bhabha, ir além da ideia da identidade única, estabelecida e estável e reconhecer a existência de lugares de fissura e quebra no texto identitário. De “um” outro, passamos a falar em outros, sempre no plural: o outro que está fora dos espaços da comunidade simbólica e, também, aquele que emerge como contra-narrativa dentro de seus próprios muros, rebatendo e evidenciando processos hegemônicos.

Os objetos que aqui trazemos para debate são claras demonstrações deste outro-contra-narrativo citado por Bhabha (1998): mais que ao “exótico” ou ao “estrangeiro”, ao que está fora das fronteiras e que – nas palavras de Arlindo Machado (2008) – me seduz, falamos de um outro invisibilizado e submetido a processos de apagamento, em prol de representações essencialistas de nossa experiência coletiva como brasileiros. Deriva, de tal notação, um debate igualmente pertinente à análise aqui proposta sobre as posturas e atitudes que tomamos diante do outro quando assumimos – dentro das diferentes áreas da comunicação social – o papel de mediadores da alteridade.

Mediação de alteridade: posturas e responsabilidades

Problematizar como tratamos o outro nas interações sociais e, de modo mais amplo, nos discursos das mídias exige reconhecer que diferentes posturas, situadas entre a assimilação e a aniquilação pura da diferença, podem ser adotadas no contato com a alteridade. As chaves desse processo estão, na filosofia do diálogo de Martin Buber (2001), associadas às relações Eu x Isso e Eu x Tu.

De maneira breve e sintética, o autor afirma que na primeira estrutura de relação, de caráter instrumental, nossa interação com o outro se baseia na satisfação de necessidades e em certa funcionalidade pragmática que, na perspectiva de Buber, não dá conta da complexidade daquele com quem nos relacionamos. Para isso, seria necessário assumirmos uma conexão Eu x Tu, ou seja, reconhecendo a alteridade como sujeito e não objeto, em uma postura de empatia e compreensão que, por fim, acaba por revelar a nós

mesmos. Como diz o autor, em frase bastante célebre, “o Eu se realiza na relação com o Tu” (BUBER, 2001, p. 10).

Ideias semelhantes são também discutidas pelo linguista Tzvetan Todorov em *A conquista da América: a questão do outro* (1993), obra que evidencia diferentes posturas tomadas em relação à alteridade que oscilam entre a compreensão, a assimilação ou até mesmo o aniquilamento.

Como nos sinaliza o autor, o diálogo com o outro implica acima de tudo um reconhecimento de sua qualidade de sujeito. Caso isso não ocorra – e este é o caso citado pelo autor a partir do exemplo do colonizador espanhol quando da descoberta da América, em seu contato com os povos nativos do continente –, a tendência é que se assumam uma postura predatória, sem qualquer empatia, com a alteridade, tomando-a como objeto de exploração a partir de interesses unilaterais.

Acreditamos que o debate trazido por Todorov e Buber, centrado nas interações humanas, ganha ainda mais relevância em contexto de ampla expansão dos contatos mediados com universos socioculturais, étnicos e geográficos, essencialmente por meio das mídias eletrônicas surgidas ao longo do século 20.

Tais ideias dialogam diretamente com o que consideramos uma postura revisionista, empática e de abertura à compreensão da alteridade no jornalismo interpretativo praticado por Eliane Brum em diferentes veículos jornalísticos, bem como na ficção televisiva de Glória Perez: para além de simplesmente exibir o outro (ou, como neste *corpus*, aquele que é excluído em alguma medida), acreditamos que tais obras exercitam uma postura aberta em relação à alteridade em gêneros e formatos tradicionais, não vinculados a iniciativas alternativas de mídia – portanto, hegemônicos em seus modos de representar, narrar e dar a ver. A fim de verificar a veracidade de tal hipótese, partamos, então, à leitura e à crítica dos discursos produzidos no jornalismo e na ficção sobre o outro.

Corte e método: a análise dos discursos e vestígios do/sobre o outro

Neste espaço, aprofundamos o aporte teórico empregado para a investigação do *corpus* que compõe nosso objeto empírico: a análise de discurso (AD). Ou seja, toda essa conjuntura da qual nos acercamos, observamos, em termos epistemológicos e metodológicos, a partir da perspectiva da Análise

de Discurso de linha francesa (ORLANDI, 2007; GREGOLIN, 2004; BRAIT, 2005; BRANDÃO, 2012; FIORIN, 2011). Compartilhamos, pois, do posicionamento de Baccega (2002), que entende os estudos da linguagem como um ingresso aos estudos em comunicação:

[...] Consideramos categorias fundamentais para os estudos do campo da comunicação as conquistas da Análise de Discurso, sobretudo as da Escola Francesa (Pêcheux et al.), que nos possibilitam desvelar a materialidade da articulação das ciências sociais, o conhecimento do percurso das apropriações ocorridas, vez que permitem revelar o discurso como o lugar em que linguagem e ideologia (pontos de vista, idéias, conteúdos, temáticas etc.) se manifestam de modo articulado (BACCEGA, 2002, p. 20).

Sendo nosso *corpus* composto por textos (plataformas textuais verbais e imagéticas) que promovem a circulação de discursos, justificamos a adoção do ponto de vista da análise de discurso para a apreciação do material em questão. A orientação francesa, por sua vez, revelou-se relevante para este estudo por dar relevo ao sujeito no discurso e, por conseguinte, às questões de identidade/alteridade, operadores conceituais caros a nós, conforme já ressaltamos.

Sobretudo, a AD francesa mostrou-se rica para analisarmos nossa amostra levando em conta o contexto e não somente o texto em si e suas fronteiras limitantes. Em outras palavras, não descartamos de nosso campo de visão o enquadramento e o cenário sócio-histórico em que se dão os discursos e que os atravessam. Entra em jogo então a noção da AD francesa de condições de produção de um discurso, que tem de ver tanto, estritamente, com as circunstâncias imediatas da enunciação quanto, amplamente, com as formas culturais e históricas de uma dada sociedade (ORLANDI, 2007, p. 30-31).

Complementarmente, enriquece a nossa observação a noção de formação discursiva, também da AD francesa, que diz respeito à paisagem de outros discursos com os quais um discurso conversa e na qual seus sentidos estão inscritos. Discursos estes que são também ideologicamente marcados e por isso a formação discursiva implica, antes e necessariamente, uma formação ideológica que ela está materializando em um discurso (ORLANDI, 2007, p. 42).

Ainda dentro dos contornos da análise de discurso, tentamos fazer emergir os efeitos de sentido dos textos examinados, pois, “em suma, a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2007, p. 26). Queremos “ouvir” do discurso o que ele está efetivamente querendo declarar.

Enfim, nosso olhar crítico a partir da assunção da AD francesa se dá na direção de termos o cuidado de nos inclinarmos sobre os textos culturais em análise, mas também observarmos os aspectos que lhes são exteriores. Imergimos nos textos e seus discursos, mas também emergimos deles com uma atitude tensionadora de suas significações.

Assim, nosso percurso metodológico consistiu exatamente no seguinte: (1) partimos do anseio em estudar o conceito de empatia na comunicação jornalística e ficcional; (2) buscamos dois textos midiáticos de gêneros tradicionais do jornalismo impresso/digital e da ficção audiovisual onde pudéssemos situar o estudo; (3) procedemos com um recorte do material coletado; e, por fim, (4) com o olhar da Análise de Discurso de linha francesa, percorremos os textos selecionados procurando as marcas da empatia. Portanto, é sobre essas marcas e nossas observações alcançadas sobre os discursos explorados que nos debruçamos agora, traçando nossos principais achados e considerações.

Nossa leitura, assim, se volta a uma crítica sobre os modos como gêneros e formatos midiáticos não alternativos podem figurar como instrumentos de visibilidade (ROCHA, 2009). Como as histórias de vida narradas na cobertura de Eliane Brum por intoxicações decorrentes do contato com amianto, por um lado, e a abordagem de uma personagem transexual em processo de autodescoberta, por outro, podem atuar como potenciais transformadores das representações hegemônicas, em uma linha de enunciação que alude não apenas à tradução, mas à própria denúncia de violações de direitos e à evidenciação de diferentes experiências de identidade?

A mediação de alteridade no jornalismo e na ficção

Conforme já sinalizado, o *corpus* selecionado para nossa análise se concentra em dois campos midiáticos, que examinaremos de maneira sequencial. Do jornalismo, escolhemos quatro reportagens e crônicas da jornalista Eliane Brum para a revista *Época*, publicadas entre 2001 e 2012; e três colunas da mesma autora no jornal *El País*, divulgadas entre 2014 e 2017, quais sejam: (1) “A maldição do amianto” (revista *Época*, abril de 2001); (2) “Morto pelo amianto” (revista *Época*, 2004); (3) “Vida e morte pelo amianto” (revista *Época*, setembro de 2009); (4) “Por que o amianto foi parar no meio do mensalão?” (revista *Época*, agosto de 2012); (5) “A maldição do amianto” (*El País*, janeiro

de 2014); (6) “Romana e o bilionário do amianto: a dor que não prescreve” (*El País*, novembro de 2014); e (7) “O Supremo e a farsa do amianto” (*El País*, agosto de 2017).

Esses textos cobrem, portanto, denúncias relativas à contaminação por amianto – fibra mineral considerada cancerígena – entre trabalhadores da indústria brasileira. Para isso, ou narram histórias de vida de trabalhadores assolados por graves doenças, como câncer, decorrentes do contato com o material ou abordam o debate público sobre o tema, que já corre no Legislativo e no Judiciário brasileiros desde o início dos anos 2000.

Nota-se, nos textos de Eliane Brum, um enquadramento interpretativo evidente: tomando este modelo de jornalismo – que difere das abordagens opinativa ou informativa, conforme classificações de Melo (1985) e Beltrão (1976) – como um tipo de narrativa que amplifica, contextualiza e depura a realidade ao invés de simplesmente narrá-la, nota-se no texto de Brum clara angulação analítica, que focaliza histórias e dramas vividos por vítimas do amianto para perenizar o fato no debate público. Junto de depoimentos de forte poder afetivo e sensível, dada sua dramaticidade, a autora ainda entrevista juristas e especialistas da área, conferindo enfoque aprofundado à leitura do real.

As reportagens para a revista *Época*, entre 2001 e 2012, trazem cuidado com o tratamento dos fatos e ênfase ao aspecto humano e sensível – uma das características atribuídas às grandes reportagens, formato jornalístico interpretativo no qual a jornalista aposta. “A maldição do amianto”, reportagem de capa de uma edição de 2001 de *Época*, por exemplo, explora histórias como a de Sebastião, uma das vítimas mais conhecidas das contaminações por amianto. Esse trânsito entre o singular – personagem da história – e o geral – a questão das contaminações e a polêmica envolvendo empresas usuárias de amianto – é uma das marcas transversais aos textos analisados por nós. Observe-se, então, a abertura da reportagem:

Sebastião Alves da Silva, de 64 anos, exibe na penteadeira do quarto uma fotografia em que aparece dançando com a esposa, Irene. Gosta de mostrar o retrato às visitas. É a prova do tempo em que respirar era um ato normal para o ex-operário da Brasilit. Sebastião não pode mais dançar. Caminha com dificuldade, mesmo por poucos metros. Tosse a cada passo. Perdeu uma fatia do pulmão esquerdo, retirada com um tumor cancerígeno há dois anos. Faz exames a cada três meses para rastrear uma possível metástase. Tem asbestose, doença que vai endurecendo o pulmão até transformá-lo em pedra. Mal lento, progressivo, incurável. Padeceu de tuberculose, teve quatro pneumonias. Sebastião é uma das centenas de brasileiros vítimas do amianto (BRUM, 2001, p. 84-85).

O texto traz em seguida, uma série de depoimentos e uma lista de trabalhadores com problemas semelhantes aos de Sebastião, além de ouvir uma auditora do Ministério do Trabalho que investigou a questão e problematizar estudos científicos a respeito da fibra mineral. Destacou, ainda, que já àquela época o mineral havia sido banido de 21 países, e que no Brasil as proibições já abrangiam algumas cidades em São Paulo e no Mato Grosso do Sul.

Três anos depois, Sebastião Alves da Silva morreria em decorrência do agravamento de seu quadro de contaminação. Em “Morto pelo amianto” (2004), Brum retoma o assunto, desta vez com ênfase ainda maior na singularidade do sofrimento da vítima. Detalha seus últimos momentos de vida em linha cronológica: “Às 19 horas daquela sexta-feira, ele não conseguia falar. Ergueu a mão e acenou para a esposa, Irene”. Em seguida, Brum relata que a vítima “sucumbiu quatro horas depois, quando os pulmões não conseguiram mais fazer o movimento de inspiração-expiração. Sebastião, então, morreu por asfixia. Acabara de completar 68 anos de idade e 46 de casamento” (BRUM, 2004, *online*). O encerramento do texto, notável exemplo de fusão ou amálgama entre a crônica jornalística e a reportagem factual, reforça o viés de denúncia combinado à exploração narrativa:

Na última semana de vida de Sebastião, sempre que ia ao hospital visitá-lo, Irene via um outdoor da campanha: “Se o amianto não faz mal, por que meu marido está morrendo?”, revoltava-se. Ela e Sebastião pertenciam ao que chamavam de “grande família Brasil”. O amianto impregna-se às lembranças de sua vida como aos alvéolos dos pulmões. Conheceram-se trabalhando na fábrica. O pai dela era operário e morreu de câncer no pulmão. O filho chegou a entrar na empresa. Parte da casa deles é de amianto. Até as cuecas de Sebastião eram feitas de sacos da fibra tingidos de azul. Ao ser enterrado, Sebastião levou nos pulmões cimentados o amianto que o matou lentamente (BRUM, 2004, *online*).

Em linha semelhante, a jornalista retoma sua denúncia quanto à fibra mineral em “Romana e o bilionário do amianto: a dor que não prescreve”, coluna produzida para o *El País* e publicada em novembro de 2014 que abordou a história da Romana Blasotti Pavesi – uma italiana que perdeu cinco pessoas de sua família por câncer ligado ao amianto, também por conta da influência das atividades da empresa Eternit. Acompanhado de fotografias de família e muitas informações sobre a batalha judicial contra executivos da companhia, o texto de Brum cede espaço a histórias de claro enlace afetivo, cujo objetivo é mostrar a conexão entre a factualidade jornalística e a singularidade de histórias de vida. Um exemplo é o trecho a seguir, no qual a repórter descreve como Romana e seu marido se conheceram e, depois, se despediram em função da doença:

Mario tinha ficado órfão aos 16 anos, obrigado a sustentar a mãe e os irmãos menores. Em seguida, a Segunda Guerra incendiou a Europa e ele foi enviado como soldado a uma de suas frentes mais duras, a dos Balcãs. No dia em que ele se materializou diante de Romana, numa ousadia rara para aquele rapaz sério demais, fazia apenas um ano que retornara da Iugoslávia. Eles nunca haviam se falado e Mario já se apresentou com intenções de casamento. Dias depois, assistiram à *Ninotchka* no cinema. Mario já tinha visto o filme, mas como Romana era louca por Greta Garbo, fez de conta que era sua primeira vez. Casaram-se sete meses depois. Em 1957, já com os filhos Ottavio e Maria Rosa, Mario ingressou na Eternit, onde trabalharia por 20 anos. Quando sentiu a pontada nas costas, estava aposentado. Morreu de mesotelioma na noite de 15 de maio de 1983, aos 61 anos. Pouco antes de morrer, Mario saiu da sua inconsciência e estendeu a mão para Romana. Ela a segurou por um silêncio longo. Depois de uma vida, despediram-se assim. Romana não poderia adivinhar naquele momento que sua trajetória mudaria radicalmente de curso e o homem que amava seria apenas o primeiro da sua família sepultado pelo amianto. Nesse tempo, Romana ainda chorava (BRUM, 2014, *online*).

Podemos resumir, por fim, que aspectos importantes do narrar de Eliane Brum são o engajamento aberto e evidente em sua linguagem, com um texto que convoca à ação em tom panfletário (embora sem abrir mão da objetividade na descrição científica dos impactos do amianto e, também, na apresentação de pontos de vista dos envolvidos na questão, como empresas e especialistas); a ênfase no outro e em suas vivências e dificuldades, em um narrar que toma a alteridade como intriga ou eixo dramático; e, não menos importante, a adoção de uma linguagem jornalística híbrida, de difícil rotulagem, que oscila entre reportagens, ensaios, crônicas e colunas que alternam opinião e interpretação.

Como resultado, a abordagem da alteridade que vemos em seus textos é a de uma distância apropriada, aludindo ao termo de Silverstone (2002): ou seja, próxima o suficiente do outro para interpretá-lo, compreendê-lo e levá-lo de modo responsável ao leitor e, ao mesmo tempo, distanciada em medida adequada para não recair no erro de assujeitá-lo. A ênfase no humano em sobreposição aos dados brutos, bem como a combinação entre o cientificismo da análise da polêmica sobre o amianto à escuta do que o outro (vitimado pelo material tóxico) tem a contar sobre ela, aponta para uma leitura revisionista, que convoca o leitor a pensar e repensar o lugar dos que figuram com tanta dificuldade nas mídias e tão raramente têm suas demandas ouvidas e visibilizadas.

Da ficção seriada que é também parte de nosso *corpus* empírico, começamos situando que *A Força do Querer* é uma telenovela produzida pelos Estúdios Globo e veiculada pela Rede Globo (canal brasileiro de televisão aberta) entre os meses de abril e outubro do ano de 2017. Escrita por Glória Perez,

consagrada dramaturga brasileira, a ficção abordou, além da transexualidade, que é nosso foco de interesse, outras temáticas contemporâneas, como *sereismo*, *cosplayer* e tráfico de drogas.

Situada entre os gêneros do drama e do romance, a sua narrativa, como toda novela, apresenta uma série de núcleos complementares. Um deles, que nos importa mais de perto, desdobra-se entre o seio familiar e o âmbito do mundo do trabalho. Envolve o espaço de uma grande empresa no Brasil, cujo diretor, Eugênio, prepara o filho, Ruy, para assumir a presidência. O jovem tem muitos outros interesses para além da estabilidade profissional e pessoal que o cargo promete, que se materializam no romance com Rita, mulher sedutora que acredita ser uma sereia e, portanto, representa concretamente a aventura que abala o futuro tradicionalista e seguro do menino traçado pelo pai. Este construiu e mantém um formato clássico de família: é casado com Joyce, com quem tem, além de Ruy, a filha Ivana, que sempre foi tratada como uma princesa pela mãe, sob todos os ensinamentos típicos do que se espera de uma mulher segundo as convenções sociais. É nesse ambiente conservador que se desenrola o conflito que analisamos mais diretamente, que concerne ao fato de Ivana perceber-se e sentir-se um homem preso a um corpo feminino; e todo o seu processo de transição decorrente a partir disso: de assumir-se para ela(e) mesma(o), para a família e para a sociedade como Ivan, além da modificação física e concreta de seu corpo para uma figura mais masculina.

Nosso recorte dessa parte do *corpus* consistiu em cenas que versaram sobre a tônica da transexualidade. Ou seja, cenas que trabalharam com a representação do sujeito transexual. Mais particularmente, centralizamos nossa análise a cenas com a presença da personagem transexual Ivana/Ivan ao longo de toda a extensão da telenovela, no decurso da jornada da personagem na trama.

Sublinhamos que a autora de *A Força do Querer* trabalhou o tema num contexto histórico em que as exposições e discussões sobre a transexualidade vinham ganhando abertura, exposição e discussão socialmente; dialogando, pois, com o espírito do tempo, ou com os *discursos circulantes*, na concepção de Charaudeau (2010). A telenovela apenas deu mais visibilidade e mais assiduidade a uma pauta que já estava em cena. A partir dela, o jornalismo foi expondo casos semelhantes ao de Ivan/Ivana que já estavam ali, apenas não eram abordados ou vistos. Deu representatividade a um grupo excluído, conforme expõe Tabs Oliveira Leivas, nome social de trans em depoimento em matéria do UOL de setembro de 2017:

Descobrir que sou um homem trans me trouxe felicidade, alegria. Pude me olhar, entender e me aceitar totalmente. A cena em que o Ivan olha no espelho e entende que é transgênero aconteceu comigo. A gente

se olha e vê que algo que sempre esteve ali finalmente se libertou. Foi bom ver isso na TV, e saber que muitos outros também passam ou vão passar por uma situação parecida. É como se a gente tirasse um peso das costas e finalmente pudéssemos ser quem somos por dentro, traz uma sensação de conforto. A novela traz visibilidade, tem o poder de ajudar gente que como eu que não sabia que era trans a se encontrar, além de contribuir na quebra de preconceito. Quando o assunto não tinha tanta visibilidade, buscava informações nas redes sociais, em blogs. É importante lembrarem dá nossa existência (SERRA, 2017, *online*).

Mais do que isso, o discurso trans da telenovela em questão está alinhado a uma rede de outros discursos – uma formação discursiva – sobre identidade de gênero em movimento atualmente no país. Esse discurso ficcional está ajustado, por conseguinte, também ideologicamente com esses discursos. Neste caso, discursos que não condenam ou atribuem juízo de valor moral ao comportamento/sentimento representado na ficção; pelo contrário, defendem uma postura de aceitação. Por isso estamos designando a produção de Glória Perez de “ficção de visibilidade e representatividade”. Seu texto quer fazer pensar, pois a autora trata de um tema tabu para gerar reflexão; quer quebrar preconceitos, pois objetiva diminuir a ignorância sobre o tema trabalhado; e quer construir representatividade para uma categoria social usualmente omitida da mídia. É importante os sujeitos se verem representados para aumentar a aceitação – sua própria e dos demais.

Ainda que a temática seja narrativizada, por demanda de carga dramática que uma história exige para ser “vendida e consumida”, por isso mesmo essa narrativização dá força ao tema. Por exemplo, não necessariamente há “o” momento da revelação do sujeito trans para a família, como na cena ícone de Ivana/Ivan, porque na concretude da vida pode ser um processo natural que corre ao longo do tempo. Ou seja, o tema ganha uma narrativa que no real concreto pode não existir, mas que justamente potencializa sua visibilidade social.

No que diz respeito aos efeitos de sentido que emergiram de nossa análise, entendemos e defendemos que a autora dessa ficção seriada humaniza o tema ao tratá-lo com sensibilidade. Percebemos uma humanização na representação ficcional. O tema é tratado com delicadeza, de forma cuidadosa, respeitando o tempo do processo vivido pela personagem. Assim, o respeito revela-se como palavra-chave: o respeito presente na construção dessa representação simboliza que o caminho para a compreensão da alteridade é o respeito pelo outro. A empatia na construção da representação ficcional trans sinaliza a necessidade de empatia à alteridade.

Considerações finais

Como discutimos ainda no início deste texto, reconhecer a alteridade como categoria indissociável do narrar nas mídias significa supor, em todas as produções deste campo, um compromisso ético latente, ligado ao falar-em-nome-do-outro e à responsabilidade com que devemos dialogar com a alteridade, reconhecendo-a como lugar de sujeitos e não objetos. Foi o propósito de observar e promover uma crítica da mediação de alteridade que nos fez, assim, buscar esforços revisionistas e empáticos produzidos em gêneros e formatos midiáticos popularmente reconhecidos – como o jornalismo e a ficção seriada.

Explorando em suas narrativas outro(s) excluído(s) de diferentes maneiras dos processos hegemônicos do representar, o drama televisual de Glória Perez em *A Força do Querer* e o jornalismo interpretativo de Eliane Brum em *Época* e *El País* conseguem relativo sucesso no difícil trabalho de narrar o outro; mais que instrumentalizá-lo ou usá-lo como impulso da intriga, ambos os textos trabalham para colocá-lo no centro do debate, explorando temáticas mais amplas (a transexualidade, na telenovela; as contaminações de trabalhadores por amianto, no jornalismo) a partir de histórias de vida que conseguem dar conta de sua complexidade. Promovem, assim, uma força revisionista, alinhada à discussão de Bhabha (1998) sobre o poder contra-narrativo das produções simbólicas que escapam às representações essencialistas da identidade.

Por não buscar respostas decisivas e propor linhas gerais de uma crítica, este trabalho pode e deve abrir margem a outras reflexões, dirigidas a gêneros midiáticos de igual relevo, a fim de mapear nestes os traços de uma postura empática, aberta e compreensiva em relação à alteridade, contrariando olhares socialmente erguidos que sempre tratam com desconfiança os textos midiáticos centrados na enunciação da diferença cultural.

Referências

BACCEGA, M. A. O gestor e o campo da comunicação. In: BACCEGA, Maria Aparecida (org). *Gestão de processos comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2002.

BELTRÃO, L. *Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica*. Porto Alegre: Sulina, 1976.

- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- BRANDÃO, H. N. Enunciação e construção de sentido. In: FIGARO, Roseli (org.). *Comunicação e análise de discurso*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 19-43.
- BRUM, E. A maldição do amianto. *Revista Época*, ed. Abril de 2001. Disponível em: <http://www.abrea.com.br/images/tranning/EPOCA_2001_A_MALDICAODO_AMIANTO_COMPLETA_POR_ELIANE_BRUM.pdf>. Acesso em: 23 Ago. 2017.
- _____. Morto pelo amianto. *Revista Época*, 2004. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR67130-6014,00.html>>. Acesso em: 23 Ago. 2017.
- _____. Vida e morte pelo amianto. *Revista Época*, ed. Setembro de 2009. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT95292-15259,00.html>>. Acesso em: 23 Ago. 2017.
- _____. Por que o amianto foi parar no meio do mensalão?. *Revista Época*, ed. Agosto de 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/08/por-que-o-amianto-foi-parar-no-meio-do-mensalao.html>>. Acesso em: 23 Ago. 2017.
- _____. A maldição do amianto. *El País*, 6 de Janeiro de 2014. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/06/opinion/1389007120_928954.html>. Acesso em: 23 Ago. 2017.
- _____. Romana e o bilionário do amianto: a dor que não prescreve. *El País*, 24 de Novembro de 2014. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/24/opinion/1416832282_033103.html>. Acesso em: 23 Ago. 2017.
- _____. O Supremo e a farsa do amianto. *El País*, 7 de Agosto de 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/07/opinion/1502117913_051142.html>. Acesso em: 23 Ago. 2017.
- BUBER, M. *Eu e tu*. São Paulo: Ed. Centauro, 2001.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- GOMES, M. R. *Comunicação e identificação: ressonâncias no jornalismo*. Cotia: Ateliê, 2008.
- GREGOLIN, M. R. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: ClaraLuz, 2004.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Guaracira, 2001.
- _____. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Editoras Apicuri/PUC-Rio, 2016.
- MACHADO, A. Todos os filmes são estrangeiros. *Revista MATRIZES*, ano 2, nº 1, 1º semestre de 2008. Disponível em <http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/view/54/pdf_45>. Acesso em: 3 Jun. 2017.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

MELO, J. M. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ROCHA, R. M. É a partir de imagens que falamos de consumo. In: BACCEGA, M. A. (org.). *Comunicação e consumo nas culturas locais e global*. São Paulo: ESPM, 2009, p. 268-293.

SERELLE, M. A ética da mediação: aspectos da crítica da mídia em Roger Silverstone. *Matrizes*, v. 10, n. 2. São Paulo, 2016.

SERRA, A. Ivan da vida real é mãe namora um homem hétero; conheça Tabs Oliveira. *Uol*, 2017. Disponível em: <<https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2017/09/20/ivan-da-vida-real-e-mae-e-namora-com-um-homem-hetero-conheca-tabs-oliveira.htm>>. Acesso em: 25 Set. 2017.

SILVERSTONE, R. Complicity and collusion in the mediation of everyday life. *New Literary History*, 2002, v. 33.

TODOROV, T. *A conquista da América*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Obras audiovisuais

A FORÇA DO QUERER. Brasil: Estúdios Globo, 2017. Rede Globo (172 capítulos), 1080i (HDTV), color. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/a-forca-do-querer>>. Acesso em: 23 Ago. 2017.

Nota

- 1 Assumimos aqui trans, transgênero e transexual como sinônimos para nomear a inadequação de identidade de gênero com o gênero designado.